Maclura tinctoria (L.) D.Don ex Steud.

(amarelinho, amora branca, amoreira de espinho, itajuba, taiuveira)

Família: Moraceae

Endêmica: não[4]

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal[4]

Recomendação de uso: Silvicultura

Árvore pode atingir até 37 m de altura e 100 cm de DAP na idade adulta. A taiúva apresenta raízes tabulares bem desenvolvidas. Os troncos, quando feridos exsudam látex. O fruto é comestível, polposo, e contém muitas sementes. A madeira de taiúva é indicada para a fabricação de móveis, revestimentos decorativos, em construção naval, como piso de convés e degraus de escadas; a lenha apresenta boa qualidade, com boa combustão, mas não é de fácil transformação em achas. Da madeira, extraí-se corantes e pigmentos. Maclura tinctoria é considerada indicadora de solos de fertilidade química boa. A madeira apresenta alta resistência ao ataque de organismos xilófagos. Ocorre, naturalmente, em solos aluviais ou em solos úmidos, em início de encosta, bem drenados e com textura que varia de franca a argilosa.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (carrocerias, cruzetas, dormentes, esteios, mourões, peças torneadas, poste, caibros, janelas e venezianas, pisos industriais, portões e portas, ripas, tacos, vigas, construção naval, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (corantes)[1]

Características gerais

Porte: altura 37.0m DAP 1cm[2]

Cor da floração: verde[1]

Velocidade de desenvolvimento: Moderada[1]

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua[3,1,2]

Sistema radicular: -

Formato da copa: Irregular[1]

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Tortuoso[2,1]

Superfície do tronco: Lisa[1,2]

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente[5]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim[1]

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: sim[1]

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas[2]

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial[10,11]

Polinizadores: Abelhas e vento.[7,8]

Período de floração: agosto a janeiro[3,1]

Tipo de dispersão: Zoocórica[8,1,9]

Agentes dispersores: Aves.[3]

Período de frutificação: setembro a abril[1,5,3]

Associação simbiótica com raízes: sim[12]

Micorriza arbuscular em intensidade média.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore ou no solo[1,6]

O fruto deve ser coletado quando muda de cor, passando para a cor escura. Após a coleta, deve ser lavado, macerado e passado em peneira, para separar as sementes diminutas, que devem ser secas ao ar livre (CARVALHO, 2003). Segundo LORENZI, 2002, recomenda-se deixar os frutos em repouso por alguns dias para iniciarem a decomposição e assim facilita-se a sua maceração em água. As sementes são separadas filtrando-se a suspensão de frutos, o produto filtrado deve secar ao sol.

Tipo de semente: Recalcitrante[1]

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento[1]

Produção de mudas: Canteiros[2]

Repicagem em 4 -6 semanas após germinação. Ciclo de produção 4 meses. A reprodução apresenta bom enraizamento.

Tempo de germinação: 10 a 20 dias[6,2]

Taxa de germinação: 70%[3]

Número de sementes por peso: 330000/kg[6,3]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[6]

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

[1] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

[2] BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

[3] SILVA JÚNIOR, M. C. da; PEREIRA, B. A. da S. 100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria: guia de campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009. 288 p.

[4] ROMANIUC NETO, S.; CARAUTA, J. P. P.; VIANNA FILHO, M. D. M.; PEREIRA, R. A. S.; RIBEIRO, J. E. L. da S.; MACHADO, A. F. P.; SANTOS, A. D. dos; PELISSARI, G.; PEDERNEIRAS, L. C. Moraceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 23 ago. 2013.

[5] MIKICH, S. B.; SILVA, S. M. Composição florística e fenologia das espécies zoocóricas de remanescentes de floresta estacional semidecidual no centro-oeste do Paraná, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 15, n. 1, p. 89-113, 2001.

[6] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[7] MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

[8] YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

[9] KINOSHITA, L. S.; TORRES, R. B.; FORNI-MARTINS, E. R.; SPINELLI, T.; AHN, Y. J.; CONSTÂNCIO, S. S. Composição florística e síndromes de polinização e de dispersão da mata do Sítio São Francisco, Campinas, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 20, n. 2, p. 313-327, 2006.

[10] HIGUCHI, P.; REIS, M. G. F.; REIS, G. G.; PINHEIRO, A. L.; SILVA, C.T.; OLIVEIRA, C. H. R. Composição florística da regeneração natural de espécies arbóreas ao longo de oito anos em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, em Viçosa, MG. Revista Árvore, Viçosa, v. 30, n. 6, p. 893-904, 2006.

[11] FONSECA, R. C. B; RODRIGUES, R. R. Análise estrutural e aspectos do mosaico sucessional de uma floresta semidecídua em Botucatu, SP. Scientia Forestalis, Piracicaba, n. 57, p. 27-43, jun. 2000.

[12] CARNEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, J. O.; MOREIRA, F. M. S.; CARVALHO, D. de; BOTELHO, S. A.; JUNIOR, O. J. S. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas e arbustivas nativas de ocorrência no sudeste do Brasil. Cerne, Lavras, v. 4, n. 1, p. 129-145, 1998.